



Menina Bonita: a visão hollywoodiana sobre a vida de uma jovem prostituta

Emília Almeida Arifa, Helen Hulhõa Pimentel

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a visão da indústria cinematográfica, acerca da prostituição infanto-juvenil, tendo como fonte de pesquisa o filme *Pretty Baby*, traduzido para o português como *Menina Bonita*. Película dirigida e produzida pelo cineasta francês Louis Malle, chegou às salas de cinema no ano de 1978, trazendo consigo processos e protesto por ser considerado na época de conteúdo pedófilo. *Menina Bonita* marcou a estreia de Malle em Hollywood, após bem sucedida carreira no cinema francês. Mesmo trinta e cinco anos depois de seu lançamento, o filme gera polêmica, e se destaca como a primeira obra hollywoodiana a mostrar uma pré-adolescente em cenas de nu frontal e poses extremamente sensuais. Trata-se da história de uma jovem menina filha de uma prostituta, nascida e criada dentro de um bordel, que aos doze anos se prepara para seguir os passos da mãe. Em uma noite de festa tem sua virgindade leiloada passando a viver então como mais uma inclusa no cardápio da casa. Sua história toma um contorno diferente ao se envolver com um fotógrafo local bem mais velho que ela.

Material e métodos

O *corpus* documental que compõe esta pesquisa é constituído pelo filme, cuja análise tenta captar as representações construídas sobre o tema da prostituição infantil dentro do mesmo, utilizando para isso dos conceitos de imaginário e representações sociais tais como concebidos por Maffesoli e Chartier como sustentação teórica e metodológica.

Resultados/Discussão

O filme é contextualizado no início do século XX, apresentando uma sociedade que impunha estritas regras sexuais, na qual os bordéis surgem como uma válvula de escape para os homens reprimidos sexualmente por uma moral implacável que considerava o sexo um *tabu*. O universo das zonas de meretrício, rebuscado de codificações e fascínios, se fez presente para muitos. Ali onde mundos se mesclavam na nítida convivência de círculos aristocráticos com prostitutas, consideradas abaixo de qualquer classificação social, os bordéis abrigavam fregueses de todos os tipos e classes. Enquanto as cidades cresciam e o progresso chegava, a prostituição (fenômeno estritamente urbano) foi sendo empurrada para as zonas periféricas, para a escuridão das ruas pouco frequentadas pelas famílias e principalmente pelas “moças de bem”. Mas as práticas sexuais consideradas à época pecaminosas, nos permitem pensa-la através de outro viés, pensar o fator agregativo dos prostíbulos. Seguindo a linha de pensamento do sociólogo francês Michel Maffesoli, o bordel em si, possibilitava a aproximação do indivíduo enquanto espaço pedinte de socialização, permitindo enxergar que essa economia do prazer possibilitava a fusão do indivíduo no coletivo, onde há uma diluição do eu, em uma época de urbanização e industrialização crescente, que levava a sociedade a uma privatização acentuada. O século XX inicia-se carregado pelos resquícios da *belle époque*, caracterizada por uma cultura do divertimento, que ganhou *status* na burguesia, e criou vida no interior dos cabarés, possibilitando a fusão dos elementos mais eruditos com os vindos das classes mais baixas. A beleza das prostitutas e a ideia de um local sem identidades sexuais, lugar de prazer, sexo, descontração, regado a bebida, envolto na fumaça dos cigarros, teve um espaço significativo no interior das cidades. E é justamente nesse quadro social que se encaixava o luxuoso bordel, da *Basin Street*, cenário central da película que serviu como fonte para este estudo, que tinha entre seus frequentadores os mais importantes homens da elite de Nova Orleans em suas mesas de jogos ou em jantares elegantes cedidos pela cafetina dona do lugar. Entre suas salas eram discutidos assuntos como economia, política e leis, tudo acompanhado de bebidas, entorpecentes (a cocaína era um dos mais comuns), e belas moças à disposição de quem estivesse disposto a pagar por seus serviços. Serviços que na maioria das vezes representava uma fuga do seio de suas famílias. Lugar onde o fluxo do desejo circulava, entre a ideia de pertencer a todos e a nenhum ao mesmo tempo. Lançado em mil novecentos e setenta e oito, o filme *Pretty Baby*, trata da vida de uma jovem prostituta no início do século XX, e traz à tona os costumes burgueses da época, que aos olhos do observador atual, parecem estar envolvidos em uma malha de hipocrisia, retratada em cenas nas quais políticos e homens de negócio, usufruem dos serviços prestados pelas prostitutas do bordel. Ambientado em *Storyville*, legalizado distrito de prostituição de Nova Orleans, especificamente em um bordel, de



FÓRUM FEPEG

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

**24 a 27
setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

propriedade de Madame Livingston ou Mademe Nell, como era conhecida, a famosa cafetina do distrito. Em sua realidade *Storyville* foi uma zona de prostituição legalizada que nasceu em 06 de julho de 1897, após a assinatura da legislação de criação de uma área, inspirada nas zonas de meretrício legalizadas do norte da Alemanha e da Holanda, com o propósito por parte da câmara municipal de Nova Orleans de manter restrita a prostituição e o consumo de drogas a somente uma área da cidade, facilitando assim, o controle por parte das autoridades locais. Sob essa ótica *Storyville* se encontra em uma economia direcionada especificamente ao desejo, em uma sociedade de características patriarcais, que prezava o casamento monogâmico, a família nuclear e a fidelidade feminina, implicadas dentro das mais estritas regras de comportamento sexual, onde os desejos libidinosos tão comuns ao ser humano ficavam confinados no quarto do casal. Tudo o que se diferenciava desse modelo padrão, era considerado sexualidade insubmissa, e deveria ter seu lugar específico para acontecer. E é nesse universo paralelo à moralidade que se encontra Violet, objeto de estudo dessa pesquisa, filha de uma das “meninas” de Madame Nell. Sua mãe também havia nascido em um bordel, e como ela, cresceu em meio ao submundo da prostituição, envolto em todo um sistema de codificações com o qual as meninas se familiarizavam. O ano em questão é 1917, e autoridades federais haviam ordenado o fechamento do distrito sob a alegação de que *Storyville* seria uma má influência para as tropas do exército que estavam acampadas nas proximidades da cidade. Violet se encontrava com doze anos, e estava pronta para dar início à sua vida sexual. Tudo parecia muito comum para a garota que já tinha visto esse momento se repetir várias vezes com outras moradoras do bordel. Houve toda uma preparação e a ela foi ensinado como se vestir, como se portar e principalmente o que dizer e como agir em sua primeira noite. Em meio a tudo isso, um fotógrafo local chegou ao bordel com intuito de fotografar as prostitutas que ali residiam. A história do personagem Ernest J. Bellocq é baseada na vida real e se funde com a criação de *Storyville*. O inspirador do personagem, nascido em uma família branca, no bairro francês de Nova Orleans, próximo ao distrito, documentou as prostitutas locais em uma série de fotografias descobertas após sua morte, em 1949. Bellocq se encanta com a beleza da prostituta Hattie e de sua filha Violet, passando a fotografá-las com frequência, criando um vínculo com as mesmas. Em uma noite de gala, Violet é apresentada aos interessados, público composto pelos mais importantes homens da sociedade, com o corpo coberto apenas por um tecido transparente. A virgem é mostrada e leiloadada. Ao fim da noite o vencedor a arremata pela quantia exorbitante de quatrocentos dólares. A menina passa a viver então como umas das prostitutas inclusas no catálogo da casa, ao mesmo tempo em que é abandonada pela mãe que buscava uma nova vida, diferente da que conhecera. Sozinha e rebelde quando se tratava das regras da caftina, assume seu amor por Bellocq, que no início relutara, mas acabara por ceder ao desejo que sentia pela menina. Nasce aí uma relação conturbada, pois o fotógrafo tinha noção do quão errado era esse amor que nutria por ela, mas ao mesmo tempo não conseguia se desvencilhar daquilo. Desse modo, o filme nos mostra como o exercício do conhecimento do corpo pode trazer perspectivas diferentes a cada época em que ela é retratada e a cada momento em que a menina se depara com dificuldades durante seu caminho. Assim Violet é o espelho de sua mãe e da casa onde nasceu e viveu, nada é estranho ou anormal para a criança de doze anos quando inicia seu ritual para perder a virgindade. Beber e se portar como uma prostituta é um fato comum no ambiente em que ela está acostumada a ser tratada como uma mulher que logo mais será como uma das tantas meretrizes daquele bordel. Na perspectiva da obra cinematográfica, em paralelo aos costumes e ao modelo padrão de feminilidade da época, a personagem, ainda uma criança, declara seu amor ao fotógrafo, anos mais velho do que ela, dizendo “Eu o amo uma vez, eu o amo duas vezes, eu o amo mais que feijões e arroz.” (MALLE, 1978). Notamos que a menina possui uma carência afetiva no que diz respeito à figura paterna. No ambiente que a rodeia este sentimento possui a conotação de um amor carnal. O fotógrafo, por sua vez, parece ter consciência de que ela é apenas uma criança, presenteando-a com bonecas e por diversas vezes ressalta sua falta de maturidade em uma relação adulta.

Considerações Finais

O estudo em questão possibilita maior compreensão da relação entre História e cinema, através da identificação das representações por ele criadas, permitindo assim maior acesso a esse campo de pesquisa ainda jovem. O trabalho explora a prostituição infantil na relação entre as duas épocas: o início do século XX, retratado pelo filme e a década de 1970, quando ele foi produzido, buscando as interferências das concepções de vida do autor e das discussões ali presentes com o contexto da época retratada pela película.

Fonte:

Pretty Baby, película produzida e dirigida pelo cineasta francês Louis Malle, lançado no ano de 1978 e distribuído pela Paramount Pictures.

Coloque a referência do filme nos padrões abaixo:



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S.L.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.

Referências

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2; o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
ROBERTS, Nickie. As prostitutas na História. Rio de Janeiro: Record: Rosas e Tempos, 1998.
Storyville History: New Orleans. Acessado em 22 de junho de 2014. <<http://www.storyvilledistrictmola.com/history.html>>